



A Representação do Jornalismo no Seriado *The Newsroom*¹

Ana Carolina Souza de OLIVEIRA²

Greice SCHNEIDER³

Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, SE

RESUMO

Desde o início do século XX, o profissional de imprensa possui presença contínua nas produções audiovisuais americanas, criando diversas concepções sobre o jornalismo. Nesse sentido, o estudo em questão objetiva demonstrar a representação do da profissão dentro do universo ficcional de um programa telejornalístico construído na primeira temporada do seriado televisivo da emissora HBO, *The Newsroom*, criada pelo dramaturgo Aaron Sorkin. O trabalho utiliza como referencial de análise conceitos teóricos do campo jornalístico, observando nas ações e discursos dos personagens quais funções são específicas da profissão e quais dizem respeito às estratégias narrativas do produto audiovisual.

PALAVRAS-CHAVE: teoria do jornalismo; serialização; estratégias narrativas; mundos ficcionais.

INTRODUÇÃO

O trabalho pretende analisar de que forma o jornalismo é retratado na primeira temporada do seriado televisivo da HBO, *The Newsroom*. O problema estrutura-se a partir das rotinas, ações e discursos dos personagens criados pelo dramaturgo americano Aaron Sorkin, utilizando pressupostos do campo jornalístico e da construção de narrativas ficcionais para diferenciar os dois tipos de mundo: real x ficcional.

Com estreia nos EUA em 2012, *The Newsroom* (A redação do jornal, em tradução livre) ambienta-se em uma redação de telejornal fictício. O próprio nome da série já identifica o espaço em que as ações serão executadas. Os conteúdos noticiosos do telejornal ficcional, *News Night* (Noite de notícias, em tradução livre), são em grande parte eventos reais e identificáveis, ocorridos em um passado recente.

Na construção do mundo imaginário do telejornal, há um contrato próprio da narrativa que oculta algumas práticas do jornalismo em função do tempo e da

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Recém graduada do Curso de Comunicação Social – Hab, Jornalismo da UFS-SE, email: anacarolina.sdo@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFS-SE, email: greices@gmail.com



necessidade de uma administração parcimoniosa das informações. A escolha de notícias relativamente atuais, facilmente reconhecidas pelo telespectador do seriado, foi uma estratégia empregada para economizar explicações na narrativa. Dessa forma, cada episódio prioriza qual processo de interpretação da notícia irá concentrar as ações dos personagens. Pode ser, por exemplo, o surgimento da informação, os debates na reunião de pauta ou a edição.

Estudar histórias nas quais o jornalismo aparece como tema contribui para um melhor diagnóstico dos valores atribuídos à figura do jornalista em determinado contexto cultural, pois narrativas, mesmo que descoladas da realidade, oferecem sintomas valiosos para entender sua época.

O JORNALISMO COMO TEMA CENTRAL DAS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS

Desde o começo do século XX, a indústria cinematográfica americana reúne uma série de títulos que exploram o universo jornalístico na ficção, chamados de *newspaper movies* (filmes de jornalismo), com várias perspectivas e estereótipos diferenciados, criando diversos mitos e símbolos tanto para a profissão quanto para o próprio jornalista.

O jornalismo parece desfrutar de uma posição privilegiada no que diz respeito à criação da imagem de seu profissional. Por serem, de imediato, públicas as figuras da grande imprensa, por ser a exposição o requisito primeiro do exercício do jornalismo, mais que uma contingência, a transformação em imagem desse profissional parece construir uma etapa ou um estágio da sua atividade (SENRA, 1997, p.13-14).

Na criação de um ambiente plausível para o espectador, moldado a partir da “suspensão da descrença”⁴, o personagem jornalista atua com um suposto compromisso com a verdade factual, para garantir um referencial de verossimilhança à história. Isabel Travancas (2001) afirma que o jornalista surge no cinema como o herói urbano do século XX e identifica-se com a democracia, com os valores públicos, com o bem comum e, como já foi dito, a “verdade”. Christa Berger (2002) complementa o seu pensamento dizendo que:

Herói é a primeira definição para o tipo ideal criado com esmero para dar forma e sentido ao jornalista dentro do contexto também enaltecido do jornalismo, em sua diversificadas aparições (jornal, rádio, tevê) e no decorrer

⁴ Umberto Eco (1994) afirma que “o leitor tem de saber que o que está sendo narrado é uma história imaginária, mas nem por isso deve pensar que o escritor está contando mentiras (...). Aceitamos o acordo ficcional e fingimos que o que é narrado de fato aconteceu” (ECO, 1994, p.81).



do tempo. Interessante observar que esta imagem de herói funciona tanto para o bem como para o mal (Berger, 2002, p.17).

Comumente, a heroização desse profissional possui duas vertentes: A primeira mostra uma pessoa dinâmica em seu trabalho; que consegue fazer várias atividades com sucesso e ao mesmo tempo; sempre tem uma resposta pronta; utiliza as melhores fontes noticiosas; e mantém boas relações interpessoais com diversos tipos de personalidades. Por outro lado, mas que faz com que o público possua um tipo de empatia e sentimento solidário⁵ com o personagem, o jornalista possui traços de individualismo, sem laços familiares, possui alguns vícios e dedica tempo integral ao trabalho em favor da justiça, da verdade e do seu papel social, já que não tem nada a perder, pois tudo a que se dedica na vida é o seu trabalho.

Quanto ao vilão, este tipo de personagem geralmente é representado pelo profissional “que não mede esforços para conseguir seus objetivos e dar um ‘furo’ de reportagem” (TRAVANCAS, 2001, p.2). Ao contrário do jornalista herói, o vilão não possui obrigação com os princípios éticos profissionais. Para criticar o sensacionalismo e os profissionais que trabalham com esse tipo de comunicação, há uma extravagância na construção das ações e personalidades desses personagens.

A repetição dessas narrativas ficcionais, combinando os elementos expostos na criação de símbolos e estereótipos para a profissão, pode produzir no espectador um tipo incomum de intertextualidade. Ao falar sobre a construção de mundos ficcionais, Umberto Eco (1994) explica que quando são acrescentados indivíduos, eventos e outros atributos do mundo real a uma história ficcional, nós somos tentados a misturar o mundo artificial construído com a realidade. À medida que personagens similares migram constantemente em diversos universos imaginários, eles acabam adquirindo cidadania no mundo real, libertando-se da história em que foram construídos.

Ainda há uma forte romantização dos personagens nas tramas e um desejo de justiça atribuído ao jornalismo que lhe configura um papel social e político de imensa responsabilidade. Sobre esse cargo político atribuído ao jornalista, Reinaldo Pereira (2003) explica que, no cinema americano, a imprensa muitas vezes é abordada “de acordo com uma ‘teoria liberal’ que a concebe como uma fiscal crítica e independente do papel do Estado e de outras instituições existentes na sociedade, o chamado “Quarto

⁵ A comisseração é um dos elementos indispensáveis para construir um herói, alguém que o espectador possa torcer através de uma sequência de reviravoltas, com um sentimento contínuo de esperança para um desfecho feliz. As questões sobre padecimento já eram abordadas por Aristóteles, afirmando que “se o herói trágico cai no infortúnio, tal acontece não porque ele seja vil e malvado, mas por força de algum erro”. (ARISTÓTELES apud BOCAUYVA, 2008, p.47-48).



Poder da Nação” que resguarda os direitos dos cidadãos” (PEREIRA, 2003, p.6). Esse período político pertence ao início do século XIX, em pleno auge da democracia nos EUA, quando o jornalismo era essencialmente opinativo e possuía uma postura ideológica e política pelos jornalistas na sociedade. Como os jornais não possuíam a estrutura necessária para a cobertura de matérias factuais, o conteúdo resumia-se basicamente em economia e política.

Com os avanços tecnológicos, por volta dos anos 1930 nos EUA, o jornalismo passou por grandes modificações em seus processos e técnicas para entrar em sintonia com um novo mercado (MELO, 2005). Nesse momento, os profissionais precisaram compreender como atuar em um espaço segmentado, em que o objetivo maior não era o compromisso com a verossimilhança dos fatos, mas sim com o lucro, abandonando o que era chamado de jornalismo partidário. Diversos filmes abordam e criticam o jornalismo que emerge desse período, o jornalismo sensacionalista. O aumento da população alfabetizada ao redor dos EUA despertou o interesse dos donos de jornal em popularizar as notícias, comercializando matérias que não poupavam o uso de mentiras que poderiam ser esclarecidas, ou não, após a publicação.

Partindo para um contexto mais atual, final do século XX e começo do século XXI, observa-se um jornalismo em fase de transição nos EUA e no mundo. O campo jornalístico exigiu do profissional aperfeiçoamento das técnicas para competir em um novo mercado globalizado. A população, que apenas recebia a informação, agora pode interagir e também pode ser divulgadora de informação, pois possui um intelecto crítico mais desenvolvido.

É neste espaço atual do jornalismo que o objeto empírico estudado ambienta-se, mas os conceitos que regem esse mundo ficcional têm uma proximidade maior com caráter político da profissão presentes no início do século XIX, o jornalismo dito como o “Quarto Poder”. A partir desse contraste entre período e conceitos criados na narrativa, compreendendo o contexto do jornalismo americano, é que se pode desconstruir o objeto e traçar uma linha tênue entre a ficção e a realidade, visando obter um panorama da insistência dos produtos audiovisuais americanos em abordar a imprensa e quais aspectos ela pretende propor, resgatar, criticar ou simplesmente contar uma história. Para identificar como isso acontece na série, o próximo tópico tem o objetivo de mostrar quais os principais ideais instaurados no telejornal fictício, a partir da sua linha editorial.



THE NEWSROOM: PRINCÍPIOS EDITORIAIS DO NEWS NIGHT

A trama situa o público sobre a linha editorial que o jornal ficcional irá seguir logo nos dois primeiros episódios, instaurando alguns princípios necessários para reger o ideal proposto. Quatro regras sobre o fazer jornalístico são sugeridas durante uma reunião de pauta, determinando as seguintes diretrizes: 1) Esta é a informação que precisamos? 2) Essa é a melhor forma de passarmos o argumento? 3) É uma história com contexto histórico? 4) Existe mesmo dois lados de uma história?

Dentro dessa perspectiva de relevância da informação, a redação do seriado preocupa-se com a qualidade da notícia passada para o cidadão americano. Também há uma discordância da equipe em explorar matérias tanto com apelo emocional, que emanam uma postura sensacionalista, quanto com espetáculos negativos, acabando com a ideia de que *bad news is good news* (Notícia ruim é notícia boa, em tradução livre) e implantando o conceito de que *good news is good news* (Notícia boa é notícia boa, em tradução livre).

Encontramos no campo da comunicação a utilização dos valores/ notícia como guia para relevância noticiosa no jornalismo, selecionando um conjunto de elementos controlados pelo órgão informativo, que controla e gere os acontecimentos. Mauro Wolf (1985) define algumas categorias quando fala de valores/notícia no jornalismo, que derivam de alguns pressupostos implícitos ou de considerações relativas: a) às características substantivas das notícias; ao seu conteúdo; que estão diretamente ligados à importância e o interesse da notícia; b) à disponibilidade do material, que se refere à acessibilidade do acontecimento para o jornalista; e aos critérios relativos ao produto informativo, que se explica em termos de consonância com os procedimentos produtivos, possibilidades técnicas e organizativas. Também estão relacionados à categoria de produto os critérios de brevidade, a ideologia da notícia na história dos sistemas informativos e do jornalismo (que esclarece o dito jornalístico “*bad news is good news*”) e a atualidade; c) ao público, pois a finalidade do jornalismo é divulgar um produto relevante que desperte atenção e interesse dos seus consumidores. Para que isso ocorra, os órgãos de informação precisam promover pesquisas sobre a característica da audiência, os seus hábitos e as suas preferências; d) à concorrência, referindo-se à competição para conseguir um notícia antes de outros veículos, que acaba por contribuir parâmetros profissionais e modelos de referência.

Quando comparadas as duas propostas de jornalismo, percebe-se a divergência entre os conceitos presentes nas teorias do jornalismo e o que é apresentado na série,



que pode ser explicado pelo evidente caráter de entretenimento de uma série televisiva, fazendo com que as rotinas jornalísticas sejam distorcidas em prol dos contratos da narrativa, preocupada em instaurar conflitos nos personagens.

Um dos aspectos exigidos pelos profissionais do *News Night* é que o conteúdo não seja influenciado pela audiência. Dessa forma, observa-se um discurso contrário ao que é apresentado nas teorias do jornalismo, devido às seguintes questões: Como pensar em notícias que sejam de interesse da população, se a audiência não desempenha nenhuma influencia na escolha da informação? Como pensar em “preocupação com o cidadão americano”, se não há interferência da pesquisa de campo para conhecê-los?

Outra característica identificada por Mauro Wolf (1985) nos valores/notícia do campo jornalístico demonstra que não é papel do jornalista satisfazer o público, sua função é apresentar conteúdos informativos, porém “a referência às necessidades e às exigências dos destinatários é constante e, nas próprias rotinas produtivas, estão encarnados pressupostos implícitos acerca do público” (WOLF, 1985, p.191). Essa imagem que o profissional possui sobre o que é interessante para seu público deriva do fato de estar imerso no mundo das notícias, por estar em uma melhor posição para discernir o que pode ser relevante, mas é preciso o uso de estratégias, ou seja, pesquisas por parte do órgão institucional para o melhor domínio e ampla visão sobre as características da audiência.

AS REPRESENTAÇÕES JORNALÍSTICAS EM THE NEWSROOM

Esta seção tem como objetivo a análise das representações do papel jornalístico que a série possui no decorrer dos 10 capítulos da primeira temporada. A escolha dos tópicos abordados deu-se a partir da observação das temáticas e conflitos contínuos sobre a profissão que o seriado estabelece e se propõe a enfrentar. Os tópicos apresentam transcrições dos discursos que mais se identificam com cada tema, destacados basicamente pelas vozes dos três personagens principais: Will McAvoy (âncora do *News Night*), Mackenzie McHale (produtora executiva) e Charlie Skinner (presidente da divisão de notícias).



Didatismo em *The Newsroom*

A tentativa de construir um ideal de parâmetro telejornalístico acaba conferindo à série um teor didático⁶ sobre o ofício. Encontramos em *The Newsroom* a pretensão de doutrinar o espectador sobre qual seria a melhor forma de fazer jornalismo. Esse teor didático fica claro na adoção do jornalismo opinativo e do jornalismo como um Quarto Poder no discurso dos personagens do *News Night*.

A primeira manifestação didática do seriado pode ser presenciada através da vinheta de abertura. Ela começa com *flashes* das transmissões em preto e branco de telejornais reais do passado, com alguns dos mais respeitados jornalistas dos Estados Unidos, e termina com imagens dos bastidores do *News Night*. Essa transição entre os jornalistas não-ficcionais e os jornalistas do *News Night* tenta criar uma ponte para que os personagens da série sejam percebidos como pessoas que realmente existem. É possível notar, nas duas partes, o trabalho de uma equipe dedicada a sua profissão, com uma rotina atarefada e corrida. Junto com a trilha sonora romântica, cuja melodia se repete nas duas partes, a vinheta tem a função de apresentar ao público o tipo do jornalismo adotado na série, o resgate de um telejornal opinativo capaz de fazer história.

Mackenzie McHale, produtora executiva, é a personagem programada para dar as regras sobre o jornalismo aos profissionais da redação. A reunião de pauta do segundo episódio⁷ reafirma a presença de um tom didático na série. A jornalista assume uma postura professoral ao ser apresentada ao lado de um quadro branco para explicar o novo formato do jornal, enquanto seus alunos tiram as dúvidas sobre as regras levantando as mãos. A posição de Don Keefer, personagem antipático, é contrária à da produtora executiva. Para ele, ninguém assistirá a uma “aulinha” noticiosa. Porém, será mesmo que a audiência do *News Night* não estaria interessada em assistir a um noticiário que priorizasse a discussão das questões relevantes para a política e economia do país? Mais que isso, será que a audiência de *The Newsroom* não estaria interessada em observar esse universo alternativo do jornalismo que a série criou e torcer para que os personagens atinjam seus objetivos?

⁶ Além do didatismo que visa ensinar uma maneira de fazer jornalismo em *The Newsroom*, toda narrativa precisa ser didática a fim de criar uma relação com o leitor. A “Routledge Encyclopedia of Narrative Theory” (2005) demonstra essa identidade narrativa a partir da visão de Ricoeur, emprestada da poética de Aristóteles, em que explica a noção de personagens sendo moldados pelas suas ações e experiências. O que faz com que os personagens sejam reconhecidos pela audiência são as séries ordenadas de eventos aos quais participam, provocando os efeitos necessários para a configuração do enredo.

⁷ Presente no tópico *The Newsroom: Princípios editoriais do News Night*, p. 5.



Podemos criar um diagnóstico da audiência do *News Night* através dos índices expostos no decorrer dos episódios. A audiência caiu um pouco, porém não a ponto do *News Night* retornar ao jornal informativo. Portanto, há uma aceitação do formato pelos telespectadores daquele jornal televisivo. Em relação aos telespectadores da série, mais importante do que assistir uma aula sobre o jornalismo, é obter uma visão alternativa para uma notícia que já aconteceu na realidade e esperar um novo diagnóstico sobre aquele fato, através de personagens que despertam simpatia no público. Quando Don Keefer, personagem construído para ser antipático, afirma que ninguém quer uma aula do *News Night*, ele apenas provoca a vontade do telespectador de *The Newsroom* de assistir a essa “aulinha”.

No terceiro episódio, Will McAvoy abre o jornal com um pedido de desculpas para o telespectador devido aos erros previamente adotados pelo telejornal, por concordar em seguir os interesses da emissora. Nesse discurso, ele expressa claramente as normas e objetivos principais do jornal, afirmando que tem a função de informar e educar os cidadãos. Com uma trilha sonora ritmada por ponteiros de um relógio⁸ e imagens que mesclam todo o percurso da construção do texto do âncora, é possível ver a dedicação da redação para que esse momento dê certo.

WILL MCAVOY: De agora em diante, decidiremos o que vai ao ar e como é apresentado a vocês (telespectadores) baseado na verdade que nada é mais importante para uma democracia que um eleitorado bem informado. Tentaremos contextualizar amplamente a informação, pois sabemos que poucas notícias nascem no momento que aparece em nosso receptor. Seremos o campeão de fatos e o inimigo moral da insinuação, especulação, hipérbole e bobagem. (...) Não me esforçarei a esconder minhas opiniões pessoais. Tentarei ao máximo expor a vocês opiniões informadas que sejam diferentes das minhas. (...) Sou o Editor Chefe do *News Night* e tomo a decisão final em tudo visto e ouvido nesse programa. Quem somos nós para fazermos essas decisões? Somos a elite da mídia. (1.3- 6'55'' a 8'6'')

Apesar de ser um discurso pouco provável de acontecer em um contexto real, o que reafirma o valor heroico do jornalista para o telespectador da série nessa cena é a sua coragem em desafiar o sistema. Rebeldia e teimosia são essenciais para dar poder ao herói, que nesse caso não detém tanta força quanto o corpo dirigente da empresa ACN.

⁸ “Em inúmeros filmes sobre jornais e jornalistas ele é focalizado, seja o grande mostrador da redação ou o do pulso do repórter. Não há jornalista sem estreita relação com o tempo. Relação esta que, como destaquei em minha dissertação (1983), influi na adesão deste profissional com o seu trabalho, dividindo sua vida em tempo do trabalho e do não-trabalho e gerando uma visão de mundo e um estilo de vida particulares.” (TRAVANCAS, 2001, p.3). Essa relação com um tempo não existe apenas no mundo ficcional, Nelson Traquina explica, nas teorias do jornalismo, que ser jornalista implica possuir uma capacidade performativa avaliada pela aptidão de dominar o tempo em vez de ser vítima dele, pois as organizações jornalísticas funcionam dentro de um ciclo estruturado em função de marcos temporais.



O termo “Elite da mídia” é utilizado para posicionar o *News Night* como parâmetro jornalístico de integridade e credibilidade, ao qual apenas jornalistas sérios são capazes de usufruir tal título. Devido a essa postura do jornalista que se coloca capaz de influenciar uma população, o jornalismo opinativo também influencia no didatismo. Essa relação dá-se devido à adoção de um discurso persuasivo, com o objetivo de ditar o que é certo através de um veículo de comunicação.

Jornalismo opinativo

Observa-se no jornalismo opinativo do telejornal *News Night* um discurso que não se resume à mera transmissão de informações, mas aos efeitos de sentido produzidos a partir do texto. A escolha do jornalismo opinativo como gênero discursivo no seriado foi um meio de expor uma visão específica do jornalismo através dos personagens: uma imprensa que tem a função de educar, que resulta no discurso persuasivo de Will McAvoy no telejornal.

A cena de abertura de *The Newroom* acontece em um evento universitário sobre política, ao qual Will McAvoy foi convidado. Ele inicia o discurso sem demonstrar a sua opinião, pois faz um telejornal informativo e não deseja que seus ideais possam comprometer a linha editorial do *News Night*. O moderador o instiga a responder a pergunta feita por uma universitária: Por que a América é o melhor país do mundo? Will McAvoy cede por um momento e responde à universitária com arrogância, deixando a plateia atônita, pois pela primeira vez o âncora expôs sua opinião crítica insatisfeita com o jornalismo atual, pois, na sua concepção, a população americana encontra-se mal informada.

UNIVERSITÁRIA: Pode dizer por que a América é o melhor país do mundo? (...)

WILL: Não é o melhor país do mundo, professor (...). Lideramos o mundo em apenas três categorias: número de cidadãos, per capita na prisão, de adultos que creem que anjos são reais, e gastos com defesa, gastamos mais do que 26 países juntos, 25 dos quais são aliados. Nada disso é culpa de universitários de 20 anos, mas, ainda assim, vocês são, sem dúvida, membros do pior período de todas as gerações de todos os períodos. (...) Lutamos por razões morais. Passamos leis, derrubamos leis por razões morais. Travamos guerra contra a pobreza, não contra os pobres. (...) Somos capazes de ser todas essas coisas e fizemos todas essas coisas porque fomos informados por grandes homens que eram reverenciados. O primeiro passo para resolver um problema é reconhecer que ele existe. América não é mais o melhor país do mundo. (1.1- 3'18'' a 7'52'')



O efeito que o discurso quer provocar no telespectador, ao exaltar a capacidade jornalística de Will McAvoy, auxilia na compreensão de que o âncora é uma pessoa inteligente; está inserido no contexto histórico da sua nação; conhece com profundidade as fraquezas, nobrezas e necessidades do seu país e do mundo; e tem a habilidade moral para discernir o que é certo e o que é errado.

Falar sobre opinião no jornalismo requer a noção de que existe um jogo de intenções dentro de um discurso. A prioridade no jornalismo opinativo, segundo Maria Angélica Martins (2009), é convencer, adquirindo adeptos a uma ideia e impondo-se como expressão de uma verdade. Se na informação os fatos respondem uma sequência lógica, ordenada pelas clássicas perguntas do lead *Como? Onde? Quando? Por quê?*; “na opinião o enunciador constrói um raciocínio com base em ideias, tece considerações a respeito de um tema com a finalidade de expor, explanar, explicar ou interpretar essas ideias. Portanto, se a informação prende-se a fatos, o objeto da opinião é a crítica” (MARTINS, 2009, p.8). Em relação à credibilidade na construção de um texto opinativo, a autora afirma que é necessária a utilização de um discurso persuasivo por parte do enunciador, a fim de estabelecer um fazer-creer sobre o enunciatário, em que a intencionalidade do emissor se manifesta para obter a aceitabilidade do receptor. Alguns efeitos semânticos utilizados por quem porta essa posição jornalística são a utilização de jogo de palavras, figuras de linguagem, ironia, retórica, autoritarismo e juízo de valor.

Esses efeitos semânticos são utilizados no discurso de Will McAvoy tanto durante a apresentação do jornal quanto quando ele desenvolve outras atividades na história. É uma necessidade do regime ficcional que sempre que possível ele se mostre inteligente e capaz de responder até a menor das brincadeiras. A existência desse gênero textual no campo do jornalismo ajudou na criação de uma visão particular da profissão, expressa pelos personagens através de um discurso mascarado como jornalístico e estritamente ligado a uma concepção de Quarto Poder.

Quarto Poder

No seriado, o Quarto Poder é o tema mais debatido entre os personagens, dentre os quais Mackenzie McHale é a mais relevante, pois tem o papel de ser o centro moral daquele ambiente jornalístico. O forte ataque político e a preocupação com a civilidade presente no *News Night* também pretende ressaltar que o jornalismo tem o poder de

interferir nos debates da população, refletindo como a imprensa instaurada na série é tratada como o Quarto Poder.

MACKENZIE MACHALE: Reivindicar o Quarto Poder. Reivindicar o jornalismo como uma profissão honrosa. Um telejornal noturno que exhibe um debate digno de uma grande nação. Civilidade, respeito e retorno ao que é importante. O fim da fofoca e da espionagem. Falando a verdade para estúpidos.(...) Você (Will McAvoy) e eu temos uma chance de estar entre as poucas pessoas que pode enquadrar esse debate. (1.1- 41'57'' a 42'45'')

A partir deste discurso da produtora executiva do *News Night*, encontramos uma ligação do que está sendo construído na série com o contexto histórico do jornalismo no início do século XIX, quando a profissão era considerada por alguns como uma parte integrante da teoria democrática do Estado. O historiador George Boyce (apud Nelson Traquina, 2004) relata que a imprensa atuava como um elo indispensável entre as instituições do governo e a opinião pública. Os jornais eram vistos como um meio de exprimir as injustiças e assegurar proteção contra uma tirania insensível, assentando uma postura de desconfiança em relação ao poder do governo. Portanto, havia uma ideia de que os jornalistas atuavam como “vigilantes do poder político” e assumiam o “Quarto Poder”, ao lado dos poderes executivo, legislativo e judiciário.

Quando fazemos essa ponte entre o Quarto Poder presente em uma fase do jornalismo e o Quarto Poder pregado por Mackenzie na série, observa-se no discurso da personagem a natureza político-didática da notícia que pretende produzir no *News Night*. O seriado não tem o objetivo de retratar um período do jornalismo de dois séculos atrás, pois o ambiente da série é construído em um espaço democrático atual, mas sim resgatar um conceito que supostamente exprime o dever do profissional de imprensa.

O campo jornalístico possui de fato um poder, mas não como o Quarto Poder e sim como um ator a mais de influência na sociedade. Outros atores sociais também possuem poder na sociedade, como os movimentos sociais e os sindicatos, porém não é da responsabilidade desses órgãos determinarem verdades sobre toda uma população. As relações presentes na sociedade são as mais diversas e complexas para que o telejornal *News Night* julgue ser capaz atuar como um Quarto Poder. O que esse veículo pode fazer é mostrar as diferentes facetas de determinados cenários da sociedade e deixar que o julgamento seja feito pelo próprio telespectador.

Nas teorias do jornalismo, Nelson Traquina (2005) defende que a maneira de agir dos jornalistas corresponde à ação e não à reflexão. O jornalista é um profissional pragmático, prático e ágil, não tem a função de propor padrões entre os acontecimentos.



Dessa forma, Traquina afirma que o papel social do profissional de imprensa é apenas reportar as notícias de acordo com os critérios de noticiabilidade, valores/notícia, que possam interessar toda a população. A interpretação e o juízo de valor dado ao conteúdo noticioso serão impostos pelo espectador, através da sua capacidade pessoal de análise.

A partir do que é proposto por Traquina, observa-se que o telejornal *News Night* generaliza a superficialidade do que há de notícia no campo midiático, subestimando a capacidade intelectual dos cidadãos na escolha do que pode ser certo para si mesmo. Will McAvoy extrapola em seu discurso quando utiliza as suas crenças pessoais como poder de influência para os cidadãos americanos, esquecendo os limites éticos da profissão.

Ética

A equipe do *News Night* trata a todo o momento sobre questões como a verdade, liberdade de expressão e moral jornalística, temas caros à ética profissional. Os conflitos éticos na série aparecem para mostrar que os personagens também cometem falhas na profissão, que não são 100% perfeitos. É uma estratégia narrativa para criar simpatia com o espectador, acrescentando um pouco mais de humanidade aos personagens. Mas, quando a falha acontece com Will McAvoy ou Mackenzie McHale, há a intenção da trama de fazer com que o erro apareça de forma indireta.

É importante para *The Newsroom* que os personagens principais cometam erros com a menor frequência possível, principalmente o herói, para não perder o laço empático com o telespectador do seriado. Portanto, o debate ético mais explícito na redação do *News Night* acontece com a personagem secundária Sloan Sabbith, que procura a ajuda de Will McAvoy com uma fonte, levando-nos ao conflito ético referente à busca inconsequente pela notícia.

WILL MCAVOY: Não há truque. Apenas não pare até ele falar a verdade. (...) Faça as perguntas seguintes e demonstre com fatos como o convidado mente. Não pode só ficar lá e ser mediadora para a mentira que o entrevistado passar para os espectadores. [...] Você consciente e passivamente permite alguém mentir no ar. Talvez você não seja a traficante, mas o traficante está dentro do seu carro. Talvez você consiga, ou não. (1.6- 24'38'' a 25'15'')

Seguindo o conselho do colega, a economista apresenta o telejornal com a ideia de que precisa conseguir os índices certos a qualquer custo. Sua postura estava alterada, violou o sigilo da declaração em *off*, começou a falar em japonês na transmissão e atacou o entrevistado em busca da informação. Falando sobre métodos ilícitos na obtenção da informação, Karam (1997) afirma que essa insistência do profissional,



considerada como invasão, “pode ser tida como indispensável no sentido de proteger e garantir que o público diverso não seja logrado somente pelas declarações oficiais ou submetidas ao interesse particularizado de empresas, governo, organismos públicos e privados ou interesse pessoal” (KARAM, 1997, p.103).

Em relação à ética que existe nas relações entre a redação do *News Night* e os donos da ACN, há um jogo de interesses entre ambas as partes. Por parte da redação existe a pretensão de adotar um telejornal sem interferência da audiência, dos interesses da empresa, dos anunciantes, o que acaba por gerar uma relação independente de produção noticiosa, sendo que deve haver um acordo entre as partes. Por outro lado, o corpo dirigente da ACN tem a intenção de sabotar os próprios funcionários, criando um contexto, através dos tabloides, para fazer com que Will McAvoy seja demitido da empresa, devido ao ataque político que o jornalista impõe em sua visão profissional.

A liberdade da informação deve estar ancorada “em valores sociais que envolvam tanto o universo da feitura do jornalismo (incluindo o profissional, os meios de comunicação e seus proprietários), quanto o público envolvido na esfera social e o universo de fontes (incluindo suas subjetividades) em um determinado caso” (KARAM, 1997, p.73). É importante que nesse meio exista uma conexão moral de compreensão da atividade informativa, para que o veículo possa transparecer credibilidade e não contradição de idéias entre os componentes de uma instituição.

Pressão Institucional

No seriado, os conflitos relativos à pressão institucional, provocada pelo corpo dirigente da ACN, são tratados com resistência por parte da equipe da redação, composta pelos funcionários e a presidência da redação do *News Night*. O telejornal, que antes possuía formato informativo e cedia às intenções da corporação, quebra qualquer tipo de relação de interesses que a empresa exercia sobre o trabalho e adere ao estilo opinativo.

CHARLIE SKINNER: Estou velho para ser governado por medo de estúpidos(...)Por muito tempo, queria muito assistir as notícias em minha TV à noite. Então percebi... Eu comando esse setor. Ela (Mackenzie McHale) é indiferente aos índices, competição, preocupações das empresas e, às consequências. Sou Dom Quixote, você (Will McAvoy) pode ser Sancho, ela será Dulcinéia, e todos os outros, o cavalo. (1.1- 4'1'' a 4'44')

A forte pressão institucional presente no seriado é um conflito muito mais ligado a uma função narrativa de criar um obstáculo para os objetivos dos personagens do que



com as práticas fundamentais do jornalismo, critérios correspondentes aos princípios editoriais do *News Night*. Quando os donos da empresa ACN aparecem no seriado, eles reivindicam os índices de audiência do telejornal, matérias de interesse humano e privilégio para os parceiros. Os empresários ameaçam a retirada de Will McAvoy do telejornal, mas nunca assumem uma atitude de líder, pois existe a intenção do seriado em revelar as consequências para as ações da equipe da redação do *News Night* apenas no fim da trama e também de fazer com que os personagens empáticos possam executar seus ideais.

Apesar dos empresários da ACN não aparecem na trama como vilões, a história enquadra o discurso da redação do telejornal como mais correto do que o do corpo dirigente. Porém, a visão limitada da redação em relação ao mercado não oferece um olhar mais amplo sobre os deveres do jornalismo dentro de um contexto mercadológico, prejudicando a aceitação do discurso por parte do telespectador da série como verossímil. O público sabe que aquele discurso não é plausível em um contexto real, mas mesmo assim simpatiza e torce para que a equipe da redação consiga realizar os seus objetivos, pois laços já foram feitos entre o espectador e o personagem.

NOTAS CONCLUSIVAS

A concepção de personagens justiceiros, com o resgate do conceito de Quarto Poder, auxiliou na construção de um discurso com extremismo dramático e político, tal como se designa o gênero do seriado pela emissora HBO. Além de ser uma estratégia narrativa, podemos encontrar uma crítica relacionada ao contexto contemporâneo ao qual o jornalismo se encontra.

Com os avanços tecnológicos, a abundância de informações também gerou um quadro de desinformação, pois a instantaneidade noticiosa dificulta a atualização plena com os eventos que acontecem ao nosso redor. Ao mesmo tempo em que há uma grande possibilidade de se informar, a sensação é de que não conseguimos suprir totalmente às demandas noticiosas. Dessa forma, ao tentar resgatar conceitos ultrapassados e tentar conceber soluções para a profissão, encontramos o sintoma de insatisfação com o presente do jornalismo. Essa é uma explicação para o didatismo nas diversas ações dos personagens, seja em relação aos princípios editoriais ou ao discurso que ultrapassa os limites éticos da profissão.

Fora do mundo ficcional, as atitudes do herói civilizatório poderiam ser consideradas prepotentes, narcisistas e antiéticas, pois os padrões jornalísticos contêm



pressupostos que não enquadram o profissional como um membro da Liga da Justiça. Porém, no mundo imaginário construído pelo seriado, a postura de Will McAvoy foi construída para ser aceita com plausibilidade, pois, dentro das regras daquele espaço, é verossímil (e até desejável) que o âncora pelo qual o público torce tenha o poder para mudar o rumo de uma nação.

Finalizando as concepções sobre esse universo, o jogo de palavras utilizado no texto dos personagens e o cuidado com os discursos proferidos por Will McAvoy, concebendo-o como um jornalista inteligente e engajado com diversos assuntos, quando não extrapola os limites da dramaticidade, provoca no espectador do seriado a ideia de que aquele profissional é mesmo um exemplo de jornalista a se seguir, quando na verdade não passa de recursos narrativos para romantizar o que o profissional é capaz de fazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOCAYUVA, I. Sobre a catarse na tragédia grega. Anais de filosofia clássica: Revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRJ, vol. 2 n° 3, 2008.
- BERGER, C. (Org.). *Jornalismo no Cinema*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.
- ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1994.
- KARAM, F. J. C. *Jornalismo, ética e liberdade/ Francisco José Castilhos Karam*. São Paulo: Summus, 1997.
- KEEN, S. A theory of narrative empathy. *Narrative* v. 14, n. 3, p. 207-236, 2006.
- MARTINS, M. A. S. R. M. Discurso, ideologia e persuasão no jornalismo opinativo. In: *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 38 (3): p. 493-507, set.-dez. 2009.
- MELO, P. B. Um passeio pela História da Imprensa: O espaço público dos grunhidos ao ciberespaço. *Revista Comunicação & informação*, da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, V. 8, n. 1, (jan./ jun. 2005).
- PEREIRA, R. M. O trabalho jornalístico como elemento de composição ficcional no cinema. In: **XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 26, 2003, Campo Grande. *XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Mato Grosso: Intercom, 2003.
- SENRA, S. *O último jornalista: Imagens de cinema*. SP, Estação Liberdade, 1997.
- TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são/Nelson Traquina*. Florianópolis: Insular, 2004.
- _____. *Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional/ Nelson Traquina – Florianópolis: Insular*, 2005.
- TRAVANCAS, I. O jornalista como personagem de cinema. 2001. 13f. Ensaio. (Núcleo de Jornalismo – Intercom 2001) – Universidade Federal do rio de Janeiro e Faculdade Estácio de Sá.
- WOLF, M. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença (1985).

REFERÊNCIA DAS LEGENDAS TRANSCRITAS DO SERIADO THE NEWSROOM

LEGENDIS SUB / Twitter: @Legendis

Acessado em: <http://legendas.tv/busca?q=The%20Newsroom%20-201a%20Temporada>